

QUESTÃO 01

Considere estes argumentos:

1. Alguns franceses são canhotos.
Alguns canhotos gostam de vinho.
Logo alguns franceses gostam de vinho.

2. Todos os franceses são canhotos.
Todos os canhotos gostam de vinho.
Logo todos os franceses gostam de vinho.

A) **IDENTIFIQUE** se **cada um** desses argumentos é **válido** ou **inválido**:

Resposta:

Argumento 1: **inválido**

Argumento 2: **válido**

B) Com base na definição de **argumento válido**, justifique suas respostas.

Resposta:

Argumento 1 - Este argumento é inválido porque infere uma proposição particular de outras duas proposições particulares. Além disso, entre a primeira proposição e a segunda não há um termo que pudesse fazer a mediação entre as premissas e a conclusão. Portanto, não necessariamente "alguns franceses gostam de vinho", pois, alguns canhotos que gostam de vinho podem não ser franceses.



Argumento 2 - Este argumento é válido, ele concluiu uma proposição particular de uma proposição geral. E há presente entre as duas premissas o termo que faz a mediação entre as premissas que permite a inferência. Re-ordenando o argumento, pode-se afirmar:

Todos os **canhotos** gostam de vinho.
Todos os franceses são **canhotos**.
Logo todos os franceses gostam de vinho.

Termo médio: canhotos

Como o subconjunto "franceses" está contido no conjunto "canhotos gostam de vinho", pode-se concluir necessariamente que "franceses gostam de vinho"



QUESTÃO 02

Leia estes trechos:

Sócrates — É muito certo o que disseste, que o saber não é mais que percepção, e nele convergem tanto o que diz Homero, Heráclito e toda a sua espécie: que tudo se move como fluxos, e, como diz o sapientíssimo Protágoras, que o homem é a medida de todas as coisas, e ainda, como assim afirma Teeteto, que a percepção se torna saber.

.....
Sócrates — Sabes, Teodoro, o que me espanta no teu amigo Protágoras?

Teodoro — O que é?

Sócrates — Por um lado, agrada-me o que disse, que aquilo que parece a cada um, também é; mas admirei-me com o princípio do argumento, pois não disse, no início de [sua obra] A Verdade, que "o porco é a medida de todas as coisas" ou "o babuíno" ou qualquer outro animal mais estranho, de entre os que têm percepção, para que começasse a falar-nos em grande estilo e com arrogância, demonstrando que o admirávamos como a um deus pela sua sabedoria, enquanto ele estava, quanto à inteligência, não melhor que um girino, ou qualquer outro ser humano.

PLATÃO. Teeteto. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. p. 222-224.

Com base na leitura desses trechos e considerando outras informações contidas nessa obra de Platão, **REDIJA** um texto, explicando por que Sócrates recusa a identidade entre saber e percepção.

Resposta:

Ao refutar a proposição de Teeteto, "conhecer é perceber", Sócrates utiliza-se de vários argumentos. Dois deles encontram-se nos trechos supracitados, **primeiro**: se tudo muda conforme disse Heráclito, o conhecimento não é possível, pois, apenas se conhece aquilo que não muda; para afirmar isso, Sócrates concorda com o argumento de Parmênides que diz que o ser é e o não ser não é - o ser que é é passível de conhecimento, e o ser que não é, ou seja, aquele que sempre é um vir a ser, ou, aquele que está em permanente fluxo, não é passível de conhecimento, pois, ele não é idêntico a si mesmo em nenhum momento.

Segundo argumento: se o homem é a medida de todas as coisas como afirma Protágoras, o conhecimento não é absoluto e sim relativo a cada homem que percebe,

como os homens percebem diferentemente uns dos outros, há vários conhecimentos sobre alguma coisa. Portanto, não é possível conhecer algo objetivamente e sim subjetivamente. Para Sócrates, portanto, não se pode definir conhecimento como percepção, tanto porque aquilo que é percebido muda, como as percepções são diferentes.

QUESTÃO 03

Leia estes trechos:

TRECHO 1

Renunciar à liberdade é renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres. Não há recompensa possível para quem a tudo renuncia. Tal renúncia não se compadece com a natureza do homem, e destituir-se voluntariamente de toda e qualquer liberdade equivale a excluir a moralidade de suas ações. Enfim, é uma inútil e contraditória convenção a que, de um lado, estipula uma autoridade absoluta, e, de outro, uma obediência sem limites. Não está claro que não se tem compromisso algum com aqueles de quem se tem o direito de tudo exigir? E essa condição única, sem equivalente, sem compensação, não levará à nulidade do ato? Pois que direito meu escravo terá contra mim, desde que tudo que possui me pertence e desde que, sendo meu o seu direito, esse direito meu contra mim mesmo passa a constituir uma palavra sem qualquer sentido?

TRECHO 2

“Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedece contudo a si mesmo, permanecendo assim tão livre quanto antes”. Esse, o problema fundamental cuja solução o contrato social oferece.

ROUSSEAU, J.-J. Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político. Livro primeiro. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 27 e 32.

Nos trechos 1 e 2, acima transcritos, o autor refere-se, respectivamente, à escravidão e ao estado civil.

Tomando como referência esses dois contextos destacados pelo autor, **REDIJA** um texto, respondendo a esta questão:

Obedecer é renunciar à liberdade?

Resposta:

De acordo com Rousseau, o poder que o senhor tem sobre o escravo se resume à força, e ela não legitima a obediência. Em seu estado de natureza, o homem, para defender sua liberdade, possui tão somente a sua própria força, portanto, diante de alguém mais forte que o submete, ele não tem outra escolha, a não ser obedecer. Deste modo, o seu grau de liberdade é nulo. Com isso portanto, Rousseau, argumentou contra aqueles que consideram que a força faz o direito.

Buscando uma forma de legitimar o direito e o dever, Rousseau diz que se cada indivíduo aliena a si mesmo e tudo o que tem a todos, cada um obedecerá a si mesmo, pois, a alienação de tudo não foi feita a uma pessoa ou a um grupo particular, mas sim a um corpo político que se forma no ato da alienação por todas as vontades

particulares que neste mesmo ato torna-se a vontade geral. A partir de então, está constituído o estado civil no qual cada homem torna-se cidadão de direito e de dever. No estado civil portanto, o cidadão espontaneamente obedece a lei ou as regras que ele mesmo, como cidadão de direito, instituiu para si mesmo. Portanto, no estado de direito, obedecer não é renunciar à liberdade. Inclusive, neste estado, a liberdade de cada cidadão é garantida e estendida pela vontade geral, pois a defesa de sua liberdade não se restringe mais a sua própria força.

QUESTÃO 04

Leia este texto:

PRECONCEITO MUITO PRA FRENTE

Toda hora eu vejo, em jornais, revistas, televisão, e na rua, pessoas cada vez mais “livres” de preconceitos e... E no entanto todas estão convencidas de que a Terra gira em torno do Sol. Por quê?

Pergunte a elas e elas responderão: “Ué, Galileu provou isso há muito tempo”. Mas provou pra quem? Pode ser que tenha provado pros cientistas. O homem comum e mesmo nós, os pejorativamente chamados intelectuais, aceitamos e pronto. Sem pensar. “Preconceituosamente.” Como antes de Galileu aceitávamos que o Sol girava em torno da Terra. Mas, entre Galileu – de cujas “provas nunca tomamos conhecimento, muito menos sabemos dizer quais são – e a realidade, que literalmente salta (gira) a nossos olhos, temos que acreditar é em nossos olhos. Nossos olhos vêem, com absoluta certeza, que o Sol nasce ali (a leste, pra mim no Arpoador, no momento em que escrevo às 5h43 do dia) e morre do outro lado (a oeste, pra mim na Pedra da Gávea, às 7h53 da noite), girando em torno de uma terra absolutamente parada (terremotos à parte), sobre a qual caminhamos sem sentir o menor movimento. De agora em diante, respondam com convicção: o Sol gira em torno da Terra e não quero mais papo sobre isso. O Millôr provou.



Com base na leitura desse texto e considerando outros conhecimentos sobre o assunto, **REDIJA** um texto, argumentando **a favor de** ou **contra** esta posição:

se todo o conhecimento deriva da observação, então, é justificável acreditar que o Sol gira em torno da Terra.

Resposta:

Argumento a favor: Se a verdade é uma crença justificada, a proposição "o Sol gira em torno da Terra" é uma verdade pois é uma crença justificada empiricamente. A experiência sensível em relação ao Sol deixa evidente o seu movimento relativo a quem o percebe visualmente. Neste caso, o conhecimento é relativo e subjetivo, pois, depende de quem o percebe. Além disso, é um conhecimento que parte de uma observação particular para concluir uma proposição geral, ele é portanto, um conhecimento indutivo. Esse conhecimento de senso comum é necessário para lidarmos com o mundo no dia-a-dia.

Argumento contra: Se a verdade é uma crença justificada, a proposição "o Sol gira em torno da Terra" não é uma verdade pois é uma crença que não pode ser justificada racionalmente. A partir do Renascimento, Copérnico e posteriormente Tycho Brahe, Kepler e Galileu, contestaram matematicamente o geocentrismo, e, a partir de modelos geométricos tomados de Euclides, desenvolveram hipóteses sobre o movimento da Terra entorno do Sol. Mais tarde com o avanço tecnológico, as hipóteses tornaram-se teorias pela comprovação observacional através de telescópios. O conhecimento obtido racionalmente tem-se revelado mais útil e mais verdadeiro do que o conhecimento obtido empiricamente, por isso, a frase supra-citada não se sustenta.

QUESTÃO 05

Leia este trecho:

Eu quero dizer que o mal [...] não tem profundidade, e que por esta mesma razão é tão terrivelmente difícil pensarmos sobre ele [...] O mal é um fenômeno superficial [...] Nós resistimos ao mal em não nos deixando ser levados pela superfície das coisas, em parando e começando a pensar, ou seja, em alcançando uma outra dimensão que não o horizonte de cada dia. Em outras palavras, quanto mais superficial alguém for, mais provável será que ele ceda ao mal.

ARENDT, H. Carta a Grafton, apud ASSY, B. Eichmann, Banalidade do Mal e Pensamento em Hannah Arendt. in: Jardim, e.; Bignoto, N. (org.). Hannah Arendt, diálogos, reflexões, memórias. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 145.

A partir da leitura desse trecho, **REDIJA** um texto, argumentando **a favor de** ou **contra** esta afirmativa:

Para se prevenir o mal, é preciso reflexão.

Resposta:

Argumento a favor: O mal é uma ação impulsiva própria de animais irracionais que agem e reagem sem a mediação da inteligência. O que torna o homem um ser humano é a sua capacidade de pensar antes de agir, portanto, diante de uma situação adversa é necessário refletir e, a partir desta reflexão, agir ponderadamente calculando as consequências e medindo todos os passos para não se correr o risco de cometer alguma maldade. Como disse Eurípides, "A razão pode lutar corpo a corpo com os terrores, e derrubá-los."

Argumento contra: O mal não é uma intenção ou reflexão racional, ele é uma ação efetiva que se dá entre os homens no trato de seus negócios. Contra ele, é necessário agir com virtude moral praticando efetivamente a justiça, tomando atitudes corajosas, decidindo com prudência no sentido de restabelecer ou estabelecer uma ordem que permita a convivência pacífica entre os homens. Todo avanço científico e tecnológico, frutos do pensamento e da razão, já se mostraram produtores de guerras e ferramentas destruidoras nas mãos de interesses escusos. Por isso, pensar, refletir, contemplar boas idéias não extirparão o mal.

Flávio Netto Fonseca